

Apropriação da rede social Facebook pelos movimentos sociais nas manifestações de Vitória-ES em 2013¹

Roberto Teixeira²
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo

O objeto de pesquisa trata da mobilização gerada a partir das páginas da rede social Facebook no mês de junho de 2013, que redundaram nas manifestações ocorridas pelas ruas da Grande Vitória nos meses subsequentes. A escolha do tema se deve a esta nova questão contemporânea que remete a uma arena complementar em rede e, na maior parte das vezes, propulsora de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas, atos públicos e panfletos, conforme constata Moraes. O resultado foi a maior reunião de pessoas da história do Estado do Espírito Santo.

Palavras-chave: Redes sociais digitais; comunicação em rede; mobilização

Introdução

É quinta-feira, 20 horas, 20 de junho de 2013 e milhares de pessoas ocupam a Terceira Ponte, que liga a capital Vitória ao município de Vila Velha, localizados no Estado do Espírito Santo. De longe é possível ver rostos iluminados pelas luzes provenientes dos aparelhos celulares enquanto caminham em uma frenética digitação de teclados. O verdadeiro mar de gente está conectado pelas redes sociais digitais – objeto de nosso estudo - e assim operam um fenômeno peculiarmente marcante da contemporaneidade.

Este momento que reuniu cerca de 100 mil pessoas em Vitória ficaria marcado como a maior concentração de pessoas da história da capital do Espírito Santo. O número é ainda mais relevante se levarmos em consideração que a população estimada da cidade neste ano de 2013 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 327.801 habitantes. Juntos protestaram contra a qualidade dos serviços públicos como transporte, saúde, educação, segurança e também contra a corrupção e a impunidade.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Comunicação e Territorialidades da UFES, email: teixeira.rb@gmail.com.

O sentimento de indignação que ocupou as ruas, inicialmente na Tunísia e na Islândia e que tomou grande repercussão mundial com a Primavera Árabe em países do norte da África e do Oriente Médio, também alcançaria com toda a envergadura o Brasil e a capital capixaba. Pelo mundo, movimentos sem grandes heróis marcados pelo tempo, mas lideranças partilhadas por todos, com relevante força da juventude, objetivando autonomia, democracia e o empoderamento dos cidadãos.

Com a chamada Geração “Vem pra Rua”, as manifestações chegaram ao ápice no Brasil em junho de 2013, caracterizadas pela ausência de líderes, partidos políticos, sindicatos de trabalhadores e sem a grande mídia, pelo menos em termos de organização geral.

A primeira manifestação se deu em São Paulo, a partir de mobilizações pelo facebook, quando foi propagada a indignação contra o aumento do preço dos transportes na capital. Posteriormente, se difundiu até reunir multidões em mais de 35 cidades. O movimento da juventude que reivindicava o passe livre tinha como slogan: “Não são os centavos, são nossos direitos”. Calcula-se que em todo o Brasil mais de 1 milhão de pessoas participaram do maior ato público do país desde 1984, na campanha das Diretas Já.

O movimento teve uma adesão dinâmica, assim como são as redes sociais. Em duas semanas, mais de 75% dos cidadãos apoiavam o movimento e expressavam seus sentimentos pelo facebook, segundo Castells (2013). Na oportunidade, a presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, em rede nacional, declarou que tinha obrigação de escutar a voz das ruas. O gesto de legitimação e a adesão pela web contribuíram para que não houvesse o aumento das passagens de ônibus.

Para Castells (2013), o mais significativo do movimento brasileiro até o momento tem sido a resposta das instituições políticas. Segundo ele,

O mais relevante é que ressuscitou um tema perene no Brasil, a reforma política, propondo elaborar leis que investiguem e castiguem mais duramente a corrupção, um sistema eleitoral mais representativo e fórmulas de participação cidadão que limitem a partidocracia. (CASTELLS, 2013, p.180)

No Estado do Espírito Santo, as manifestações ocorreram após a mobilização ocorrida principalmente a partir das fanpage “Não é por 20 centavos”. Os atos começaram de forma

pacífica, mas, em junho de 2013, alguns acabaram se transformando, em muitos momentos, objeto de confronto entre policiais e estudantes. Foi o imediatismo histórico dessa mobilização social, ainda sem rumos definidos, com contribuição da Internet e as redes sociais de forma pioneira, que nos motivou a estudar este tema.

Tecnologias na sociedade atual

A tecnologia é, como podemos ver por meio das redes digitais, sem dúvida, um dos fatores elementares das mudanças sociais e do comportamento humano. Neste cenário, vivemos a era da comunicação mediada por computadores no mundo contemporâneo, já vislumbrada por Marshall McLuhan há quase 50 anos, um pioneiro nos estudos das novas tecnologias comunicacionais e seus efeitos na contemporaneidade. Até mesmo os mais severos críticos ao Determinismo Tecnológico propalado por McLuhan concordam em que a evolução de tecnologias destas máquinas causaram grandes consequências.

Criticar o determinismo tecnológico não é descartar a importância do fato de que aspectos tecnológicos de diferentes aplicações potenciais não sejam necessariamente realizados. É primordial, no entanto, perceber as mudanças no seu uso, tentando assim entender as transformações sociais ocorridas. Logicamente, numa sociedade onde o grau de interação com outros fatores está evidentemente presente, é difícil justificar uma insistência na tecnologia ou mídia como o fator determinante das transformações sociais.

A chamada “popularização” da Rede Mundial de Computadores - colocamos entre aspas, por não ser um fenômeno que tenha chegado efetivamente, às classes menos favorecida, mas assim que ficou conhecida – completa aniversário de 20 anos. Desde então, vem contribuindo de sobremaneira para o modo de atuais sociedades se relacionarem, tanto em pequenos episódios do cotidiano, bem como nas demais relações sociais, políticas e econômicas.

A comunicação se torna muito mais rápida e mais intensa, muitas das vezes reduzindo distâncias e fundindo a abrangência de territórios. A Internet é a mídia que demandou de um menor tempo para se disseminar pela população, fazendo um paralelo com a TV, o rádio e os impressos.

Trata-se de uma nova sociedade alicerçada, mantida e difundida pelas redes, as redes sociais digitais. A comunicação mediada por computador está modificando a sociabilidade contemporânea. Desta forma, entender a apropriação da Internet como ferramentas da organização social e informação contemporânea é essencial para compreender os novos valores, os fluxos de informações em rede ou multimodais e as mobilizações que emergem no ciberespaço. Segundo o pesquisador Pierre Lèvy, estamos em um mundo virtual, por meio de um espaço desterritorializante, em um local indefinido, desconhecido,.

Segundo Moraes (2006), a organização em redes, dentro e fora da Internet, se revela inovadora. Elas facilitam a intercomunicação de indivíduos e agrupamentos heterogêneos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos. Servem de estuários para defesa de identidades culturais, a promoção de valores étnicos e a democratização da esfera pública.

Segundo Castells (2013) A midiatização rege a sociedade contemporânea (dita pós-industrial), com a tendência à virtualização das relações humanas, geradas pelo desenvolvimento das tecnologias da comunicação. Com a midiatização, a chamada Comunicação em rede mediada pelos computadores realiza a transferência eletrônica de informações, circulando livremente, emitida de pontos diversos, sendo encaminhada de maneira não-linear.

Desta forma, qualquer cidadão pode não ser apenas consumidor de informações, mas gerar e disseminar informações. Para fechar o ciclo do sistema é preciso, assim, o retorno do que foi publicado, alcançar vários públicos e esta fonte ser legitimidade para que haja uma maior participação colaborativa, segundo constata Martinuzzo (2013).

As tecnologias digitais da informação e da comunicação difundiram-se em cerca de duas décadas, a partir do século XX. A sociabilidade que caminha articulada as redes comunicacionais de plataformas multimidiáticas alimentadas por conteúdos informacionais (notícias, entretenimento, publicidade, etc.) experimenta formas diferentes de relacionar e construir referências simbólicas. (MARTINUZZO, 2013, p.35)

Desta forma, em última análise, é na realidade a democracia o resultado das mobilizações, a possibilidade de que todos possam tomar as rédeas de suas vidas, de acordo com os

princípios amplamente compartilhados em suas mentes e em geral negligenciados em seu cotidiano. Segundo Castells (2013).

“Como todos os outros movimentos do mundo, ao lado de reivindicações concretas, que logo se ampliaram para educação, saúde, condições de vida, o fundamental foi – e é – a defesa da dignidade de cada um. Ou seja, o direito humano fundamental de ser respeitado como ser humano e como cidadão”. (CASTELLS, 2013, p.180).

A Internet chega desta forma como elemento fundamental para a construção social da autonomia, na medida em que se acentua, além do processo de produção e disseminação de informações, amplia-se o processo interativo. O resultado é o que o filósofo contemporâneo Pierre Lévy conceitua como inteligência coletiva. Quando mais transmissão de mensagens e maior interação, mais cidadãos conscientes surgem, capazes de tensionar as instituições formalmente constituídas e reduzindo a capacidade dos políticos de integrar as demandas pessoais e a pensarem um pouco mais na coletividade.

Ainda de acordo com Castells (2013), avaliando-se os movimentos, as conquistas podem não terem sido aquelas que se esperavam. No entanto, o legado que os movimentos sociais deixam é o próprio processo mobilizatório, capaz de proporcionar uma mudança cultural nos participantes e nas nações. É a crença na mudança, de questionar e fazer com que os todos se tornem manifestantes e possam repensar a atual situação política em quem vivem norteadas de falta de legitimidade.

O fenômeno de midiatização passa fazer parte das dinâmicas dos vários campos sociais da vida contemporânea. Neste cenário, surge uma sociedade em rede, estudada por Manuel Castells, que serviu de sustentação tanto nas relações sociais e econômicas, como políticas. As sociedades em redes se conectaram formando uma sociedade digitalizada, hiperconectada, em que decisões de uma nação pode refletir de forma positiva ou negativa, de forma quase instantânea em outros países.

Neste processo é de suma importância a participação dos movimentos sociais. De acordo com Maria da Glória Gohn (2000)

Os movimentos sociais “são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo”.(GOHN, 2000)

Historicamente aliados dos movimentos sociais, as ferramentas de comunicação sempre se tornaram cruciais para divulgação e articulação. De acordo com Sodré (2013), foi por intermédio de jornais e panfletos que muitas das ideias libertárias e democráticas se difundiram, muitas vezes sem o aparato técnico dos grandes conglomerados econômicos da mídia.

Neste período das manifestações ressurgiu o espírito crítico, tão abafado e aparentemente tão adormecido dos brasileiros. A energia de milhões de pessoas que foram às ruas protestar a favor das melhorias na educação, saúde e transporte público – diga-se de passagem, essenciais para existência humana – surpreendeu até mesmo os próprios brasileiros.

Será que conseguimos realmente melhorar o nosso país? A escola é universal? Pessoas deixaram de morrer nos corredores por falta de atendimento? Podemos circular tranquilamente dentro dos coletivos nos horários de pico? Certamente não, basta um breve olhar sobre as cidades para a percepção. Castells ressalta, no entanto, que nada foi em vão, retomamos uma capacidade essencial para o desenvolvimento e perpetuação da existência humana, a volta do poder de se indignar.

Avanço das redes sociais

A internet, que dá suporte aos movimentos sociais, manifestados pelas redes sociais, é preponderante neste cenário, no que tange a articulação, troca e disseminação de ideias e decisões. De acordo com Recuero (2012), na atualidade contextualizada pelas ferramentas digitais, ocorre uma “conversação emergente”, perpassando por vários processos de reelaborações. Segundo ela, “o ponto fundamental é aquele onde essa conversação

reconstrói práticas do dia a dia, mas que, no impacto da mediação, amplifica-se e traz novos desafios para a compreensão de seus impactos nos atores sociais”.

Acompanhamos a popularização da Internet, em 1995, a proliferação dos jornais online – objeto de nossa dissertação na especialização da UFES em 1999 - e o surgimento dos pioneiros weblogs surgidos em 1999, quando invadiram com pompa e circunstância a seara da política e do jornalismo, mas não era possível vislumbrar o poder exercido pelas redes sociais nesta nova forma de relacionamento da sociedade contemporânea.

O impacto é tamanho que o pesquisador argentino Carlos A. Correa Arias (2014) considera as redes sociais como mais um Poder. Formalmente três deles estão constituídos no Brasil (Executivo, Legislativo e Judiciário). A imprensa e o Ministério Público “reivindicam”, mesmo que de forma informal, a condição de Quarto Poder. No entanto, o Quinto Poder já foi reservado pelo pesquisador em relação às Redes Sociais.

O cenário, ao nosso modo ver, remete a uma arena complementar em rede e, na maior parte das vezes, propulsora de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas, atos públicos, panfletage, entre outros. Por meio da Rede Mundial de Computadores, a forma de interação é fortemente impactada e ampliada pelas Redes Sociais Digitais.

Desde então, cada um poderia, dentre outras potencialidades, ter o seu veículo próprio de comunicação – sem o aparato técnico de uma grande rede mercadológica - disseminar suas ideias pela Web e, em uma espécie de pesquisa em tempo real, saber o que os usuários achariam de suas manifestações. Resgatando a história neste ambiente, em 2001 os blogs já tinham enorme poder de denúncia ao relatar as amarguras do ataque às torres gêmeas, em 11 de setembro.

Neste contexto, a rede social de maior alcance na atualidade, o Facebook, com 1,19 bilhão de usuários ativos por mês – dados de 2014, do próprio Facebook. A rede social foi criada pelo americano Mark Zuckerberg, junto com Dustin Moskovitz, Chris Hughes e o brasileiro Eduardo Saverin, em 2004, enquanto eram alunos da faculdade Harvard. O Facebook surgiu da ideia de trocar informações entre os alunos que estavam saindo do secundário (High School, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na

universidade.

No Brasil, com a inclusão digital em curso, são 76 milhões de pessoas conectadas ao Facebook, de acordo com a agência Reuters, parcela representativa de uma população de 200 milhões de habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com o Facebook, no Espírito Santo, a rede social alcançou a marca de 1.740.000 usuários cadastrados, após 10 anos de existência. Segundo o IBGE, o número representa quase metade da população capixaba, estimada em 3.839.366 pessoas. O levantamento mostra ainda que a maioria dos capixabas conectados ao Facebook possui entre 19 e 30 anos. Esta faixa etária corresponde a 760 mil usuários no Estado, ainda segundo dados do Facebook.

Mas, o que se caracterizaria uma rede social? Pode ser definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999).

Mas, as redes sociais não são páginas da Internet sem movimentação, muito pelo contrário, estão em constante mutação. As transformações são decorrentes acentuadamente pelas interações entre atores, muitas vezes de forma emergencial, que podem vir a construir um determinado laço social ou mesmo enfraquecer ou destruir outros. Redes são sistemas dinâmicos e, como tais, sujeitos a processos de ordem, caos, agregação, desagregação e ruptura (Nicolis & Prigogine, 1989).

A ressalva para o poder das redes sociais fica para que o escritor e jornalista Andrew Kenn (2009) chamou de culto amador. É preciso ficar atento ao que é compartilhado pela Web, notadamente pelas redes sociais. Todos podem contribuir, mas nem todos se responsabilizam pelo que postam, com rigor científico, como acontecem com os profissionais de comunicação. De acordo Kenn,

A responsabilidade do jornalista é informar, não conversar conosco. Na Blogosfera, publicar nosso próprio “jornalismo” é grátis, não exige esforço e está

a salvo de restrições éticas irritantes e conselhos editoriais importunos (KEEN, 2009, p.48)

É neste contexto que surgem as redes sociais e os fenômenos advindos delas, por meio de sistemas complexos, com o objetivo de, na maior parte das vezes, ser apenas uma simples comunicação entre amigos, mas que tem o potencial de gerar enormes mudanças na sociedade em que vivemos.

Para Castells (2013) a mobilização por meio da página no facebook foi essencial para o processo de articulação multimodal, articulada com outras mídias, que gerou a maior mobilização popular da história do Estado do Espírito Santo, em junho de 2013.

A população do Espírito Santo encampou prontamente o movimento que se alastrava por todo o país. Tanto que, cerca de 100 mil pessoas foram às ruas da Grande Vitória no dia 20 de junho de 2013, na maior manifestação popular da história do Estado. Os protestos foram contra a qualidade dos serviços públicos como transporte, saúde, educação, segurança e também contra a corrupção e a impunidade.

No Estado, as manifestações ocorreram após a mobilização ocorrida principalmente a partir das fanpages “Não é por 20 centavos”. Os atos em prol do passe livre e da diminuição das tarifas do transporte público na Grande Vitória acabaram se transformando em muitos momentos objeto de confronto entre policiais e estudantes.

Como exemplo, a fanpage O Protesto GV organizou pelo facebook para o dia 17 de junho o movimento “Vem pra Rua”. Os protestos se repetiram na quinta-feira dia 20 em todo país, incluindo a Grande Vitória. O intitulado "Ato Nacional Unificado em Favor da Democracia" foi marcado pelo Facebook. Mais de 24 mil pessoas confirmaram presença na manifestação.

As reivindicações dos próximos protesto foram as mesmas em todo o Brasil. Os pedidos foram desde apoio às vítimas de repressão e violência abusiva da polícia em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, até reivindicações contra o aumento da passagem e em favor da mobilidade urbana.

Conforme dito por Manuell Castells, os atuais movimentos são caracterizados por não terem lideranças. O Comunicado do dia 19 de junho do grupo Protesto GV retratava bem esta condição:

"Comunicado

URGENTE!

Devido a uma situação desagradável ocorrida entre ontem, hoje e se não tivermos ação amanhã, uma pessoa está se promovendo como ORGANIZADOR do movimento e inclusive está querendo levar um trio elétrico amanhã para o ato. Primeiro deve-se deixar claro que o movimento NÃO é de LÍDERES OU ORGANIZADORES, o movimento é formada pela população e construída estruturalmente por comissões, segundo deve-se deixar claro que esta pessoa que identificou como organizador não faz parte de NENHUMA comissão dentro do movimento e que o movimento repudia qualquer forma de aproveitamento para o EGO pessoal."

Mesmo com a derrubada da PEC 37 na Câmara dos Deputados, houve manifestação no dia 26 de junho em Vitória para protestar contra essa medida. A PEC pretendia retirar do Ministério Público o poder de realizar investigações criminais, mas foi derrubada por 430 votos contra e 9 favoráveis. No página da manifestação no Facebook, os organizadores confirmam concentração no campus da Ufes, em Goiabeiras.

No dia 28 outro protesto. O "Movimento não é só por 20 centavos", após realizar as maiores manifestações do Estado na semana anterior se reuniu novamente no Campus da Ufes. O trajeto foi descrito pela página do evento no Facebook. A manifestação do dia 28 de junho parou a rotina da Grande Vitória. A concentração para o "Terceiro Grande Ato - Não é só por 20 centavos" teve a confirmação de mais de 10 mil pessoas no evento pelo Facebook,

Conclusão

Avaliando-se os movimentos de junho de 2013 no Espírito Santo e no Brasil, em 2013, percebe-se que as conquistas podem não terem sido aquelas que se esperavam. No entanto, o legado que os movimentos sociais deixam é a capacidade de proporcionar uma mudança

cultural nos participantes e nas nações. É de acreditar nos próprios poderes, de questionar e fazer com que os todos se tornem manifestantes e possam repensar a atual situação em quem vivem de falta de legitimidade.

As redes sociais foram ganhando, com o tempo, uma enorme capacidade de gerar conteúdo, por meio de interações em tempo real, de forma multimídia, por meio vídeo, áudio, foto, e por toda parte, por intermédio dos dispositivos móveis, particularmente os smartphones.

Chegamos a geração da interatividade de muitos para muitos, com a capacidade de gerar informações e articulações de muito para muitos. Vivemos um contraste no ambiente das redes, com relação aos atuais meios de comunicação de massa, em que poucos influenciam muitas mentes.

Assim, no Espírito Santo, o dia 20 de junho ficou marcado eternamente, de forma positiva, como a maior aglomeração de pessoas jamais vista em território capixaba. Desta forma, é impossível imaginar na atualidade, qualquer manifestação ou decisão para uma nação que não passe pelas articulações geradas pelas redes sociais digitais, por intermédio da Rede Mundial de Computadores, a Internet.

Referências Bibliográficas

ARIAS, Carlos A. Correa. *Las Redes Sociales Y la participación cidadania: Democracia 2.0*. Buenos Aires, Distal, 2014

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GHON, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2000.

KEEN, Andrew. **O Culto ao Amador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2009.

LEVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo, Edições Loyola, 2007.

MARTINUZZO, José Antônio. **Seis Questões fundamentais da comunicação organizacional estratégia em rede**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NICOLIS, G. e PRIGOGINE, I. **Exploring Complexity. An Introduction**. New York: W. H. Freeman and Company, 1989.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet** / Raquel Recuero. – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)